

O rumo de Rômulo

FRANCISCO PEDRO DO COUTTO

O MDB possui vários candidatos que merecem ser eleitos ou reeleitos para o Senado Federal em novembro. Dos que conheço, Pedro Simon, Franco Montoro, Nelson Carneiro, Tancredo Neves e Rômulo Almeida encontram-se nesse caso. Os três primeiros estão com a vitória antecipadamente assegurada e por larga margem de votos. Tancredo Neves, em finas, já vem na frente de Israel Pinheiro Filho e deve vencer. Quero falar, portanto, de Rômulo Almeida que, na Bahia, ainda está bem atrás de Lomanto Júnior, conforme revela o Gallup.

Será um desastre se esta tendência não se alterar. Ninguém mais qualificado que Rômulo Almeida para o rumo de Senado. Chefiou a Assessoria Econômica do governo constitucional de Vargas, foi um dos principais elaboradores, senão o principal, do projeto de lei que criou a Petrobrás e também um dos autores do projeto da Eletrobrás. Formulou uma série de medidas de alcance fundamental no campo econômico, foi deputado federal de brilhante atuação, e quase Ministro do Trabalho, em 58, no governo Juscelino Kubitschek, quando, ao rejeitar o cargo, cometeu um erro e preferiu disputar o de vice-governador da Bahia, perdendo a eleição em cima do laço para Orlando Moscoso. Naquele ano foi a sua divergência com João Goulart que terminou levando a um impasse político e depois a afastar-se da própria política.

Ninguém mais preparado que ele no campo de sua especialidade, um técnico de sensibilidade, um construtor, ninguém mais dotado de espírito público e qualificação intelectual. Deu, inclusive, uma contribuição muito grande à valorização da atividade econômica no país, ainda no tempo em que o planejamento era algo remoto e de credibilidade reduzida. Confrontá-lo com Lomanto Júnior, que vem à sua frente nas pesquisas, é até escantoso. A eleição de Rômulo, se concretizada, significará um valioso reforço, não apenas ao MDB, mas ao próprio Senado Federal que sem dúvida crescerá em tê-lo como um de seus membros.

Sob o ângulo do MDB, sua participação no futuro político será fundamental, pois a oposição ressenete-se da ausência de um especialista em matéria econômica de sua estatura. Ele acrescentará muito ao debate, e não apenas ao debate arrebatado, mas ao debate racional e lúcido em torno de

uma série de questões para as quais poderá levar subsídios importantes. E isso não apenas em termos de oposição. Mas sobretudo, até mesmo, em termos de interesse de seu Estado, a Bahia, e até do próprio País.

A atual campanha eleitoral está comprovando a ausência de um embasamento mais técnico, seja no plano econômico, seja no plano social, sem prejuízo, é claro, do indispensável confronto político, que é o que em última análise arrebatava e mobiliza o eleitorado. Mas o enfoque técnico, ao contrário do que muitos pensam, de forma alguma prejudica o ângulo político. Pode-se mesmo dizer, sem medo de erro, que a escassez de um fundamento mais técnico enfraquece o próprio debate político. Só com a parte técnica, evidentemente, o choque político perde em emoção. Mas sem a parte técnica, o choque político acaba perdendo intensidade. Na medida em que os mesmos argumentos passam a ser repetidos sem uma profundidade maior, mais séria, e também motivadora.

Francamente, por falar nisso, não sei como os partidos políticos não se prepararam para enfrentar as eleições da melhor maneira possível fornecendo as melhores opções e os melhores enfoques de suas idéias ao eleitorado.

Há uma série de questões que os partidos podiam abordar, tanto o MDB, quanto a Arena, em favor de seus argumentos e teses que não abordam apenas porque não possuem em seus quadros e nos seus estafes homens como Rômulo Almeida e outros capazes de elevar o nível do debate. As questões todas estão aí, indistintamente ao lado do governo e ao lado da oposição. O Fundo de garantia, a dívida externa, a liberdade política, o custo de vida, a inflação, o desenvolvimento econômico, os direitos humanos, a segurança individual, a Educação, o petróleo e seus efeitos na sociedade. A aposentadoria dos empregados das empresas particulares é outro ponto a ser discutido mais seriamente. A distribuição de renda. A habitação popular. Todos esses temas acabam entrando superficialmente na campanha quando poderiam ser muito melhor debatidos em proveito da própria educação política. Mas para isso é preciso elevar o nível. E daí a importância da vitória de candidatos como Rômulo Almeida: alguém que tem muito a fazer e a dizer ao país.